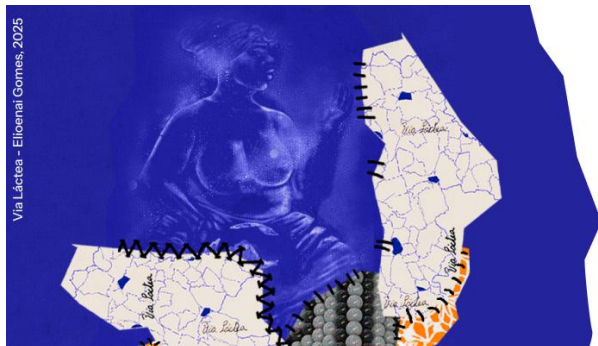




ESCADARIA DO ROSÁRIO: CONFLUÊNCIAS ENTRE CORPOS, PAISAGEM, PATRIMÔNIO E O QUE FICOU EM NÓS

Celida Salume Mendonça coautora¹ – PPGAC/UFBA

Panmella Kelen Ribeiro Costa coautora² – EEB.Tenente Almáquio

Este texto objetiva um diálogo entre a prática artística e as reflexões teóricas por ela suscitadas, explorando o potencial transformador da arte em contextos urbanos e patrimoniais. A relação estabelecida com o pensamento do filósofo, poeta e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), a partir da noção de confluência, essa palavra germinante, que nos move para o compartilhamento, converte-se em uma força ampliada no interior do processo criativo para a percepção de novos olhares. Nesse sentido, seria importante pensarmos: “Em que mundo queremos viver?” Imaginamos que em um mundo em que tenhamos relações, pois são elas que determinam os espaços de convivência, o que nos coloca em relação de reciprocidade com o mundo e em relação ecológica com o território. Chegamos como habitantes, em diferentes ambientes, e vamos “nos transformando em compartilhantes” de um espaço mais atento as diferenças, através da arte.

A experiência artístico-pedagógica realizada na Escadaria do Rosário (Florianópolis/SC) foi uma intervenção performativa proposta na disciplina Seminário Temático I: CONFLUÊNCIAS, Corpo, Paisagem, Patrimônio e Materialidades (PPGAC/UDESC), ministrada pela co-autora Prof.^a Dra. Celida Salume Mendonça e o Prof. Dr. Vicente Concílio. O desenvolvimento da disciplina configurou-se como uma etapa da pesquisa de pós-doutoramento da co-autora, envolvendo a realização de

¹ Professora na Escola de Teatro (UFBA), no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas e no ProfArtes/UFBA. Doutora em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA) com Pós-doutoramento no Centro de Artes (UDESC) e no Centro de História da Arte e Pesquisa Artística (CHAIA) Universidade de Évora. Atua na Pedagogia das Artes Cênicas. *E-mail:* celidasm@gmail.com.

² Professora de Artes na Escola Estadual Tenente Almaquio – Florianópolis, Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), artista pesquisadora e colaboradora do projeto de pesquisa – labde Ecoperformce (UFSC) *E-mail:* pamcostaa8@gmail.com



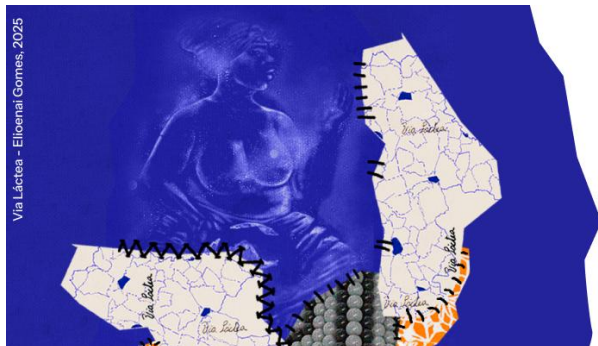
seminários com as/os convidadas/os Prof.^a Dra. Isabel Bezelga (UEVORA), o Prof. Dr. Evandro Fiorim (PósARQ/UFSC) e o artista visual Bruno Barbi, que reforçaram o olhar de pertencimento para os espaços patrimoniais explorados e discutidos nesses encontros, através de princípios artísticos e políticos que envolvem a prática cênica. Investigamos e experienciamos o impacto de diferentes materialidades presentes e/ou inseridas intencionalmente em distintos espaços patrimoniais. Patrimônio enquanto relação e sentido de pertencimento, capaz de vincular pessoas a espaços através de histórias, memórias e experiências coletivas. Mas quais espaços patrimoniais fazem sentido, e em quais nos reconhecemos? Os percursos criativos foram também discutidos e experienciados em uma perspectiva antirracista e anticapacitista.

Figura 1: Estudantes CEART/UDESC na Escadaria do Rosário (Florianópolis SC)



Fonte: A autora.

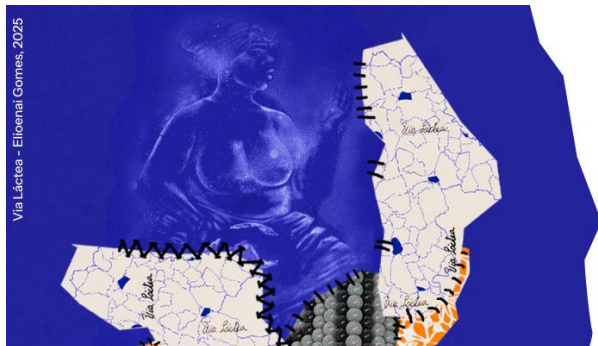
A Escadaria do Rosário foi escolhida por sofrer diante dos processos de disputa e gentrificação no centro da cidade de Florianópolis, contribuindo para o apagamento de um território negro. A Igreja Nossa Senhora do Rosário que fica no alto da escadaria foi erguida por pessoas negras escravizadas e libertas e pessoas brancas



pobres. Do processo de alijamento dessas pessoas do centro da cidade, permaneceram apenas as *rugosidades*, marcas históricas incorporadas, que puderam ser reconhecidas nas diferentes camadas e dinâmicas do espaço. Como afirmava Milton Santos (2004), elas definem cada pedaço desse território, estão presentes no que fica do passado como forma, paisagem, o que restou do processo de superposição, com que as coisas se alteraram em todos os lugares. A performance investigou como os corpos interagem com as histórias contidas no espaço da escadaria. A presença de uma pessoa em situação de rua, que utilizava o local como abrigo, exemplificou a sobreposição de narrativas presentes nesse espaço e revelou as tensões sociais e as camadas invisibilizadas do patrimônio urbano. Sua presença trouxe reflexões sobre exclusão social, desigualdade e o papel da arte como provocadora de mudanças no imaginário coletivo. Ocupando a escadaria, nossas ações intencionavam instaurar um território afetivo, onde a reconstrução do imaginário daquele espaço se entrelaçava com memórias, subjetividades e questões sociais vitais, permitindo um novo modo de habitar, experienciar coletivamente esse lugar. A ação micropolítica ali presente, mesmo que pontual e pequena no espaço tempo da intervenção, nos trouxe a expressão artística como ação de resistência para atingir o sensível. Apesar de sua efemeridade revelou a nossa capacidade de interferir em hábitos cotidianos e criar novas possibilidades de vida.

Durante o processo, as/os participantes foram estimuladas/os a experimentar materialidades existentes no próprio espaço e estados de presença, disponibilidade corporal, investigando as superfícies, rugosidades, texturas e aspectos do espaço em relação ao corpo, à luz, às sombras, aos sons e aos cheiros que o circundam como inspirações para a experimentação corporal em particular e a criação de movimentos coletivos neste espaço urbano.

Na participação ética dessa/e atuante na cidade, seja criança, pessoa com deficiência, jovem, adulta ou idosa de diferentes etnias e da docente/artista condutora do percurso criativo, é possível vislumbrar a ideia de uma estética participativa. Para Ileana Diéguez Caballero, a arte permite um estado de encontro - “sublima a dimensão



convivial e socializante – arte como lugar de produção de uma socialização específica” (CABALLERO, 2011, p.47), no nível de micro-comunidades e micro-encontros que testemunham as efêmeras relações com as pessoas envolvidas, um campo de trocas, de produção de subjetividades, focando na convivência e interação de novas formas de práticas artísticas, do nascer de uma sensibilidade coletiva e da investigação performativa da paisagem urbana.

Figura 2: Estudantes CEART/UDESC na Escadaria do Rosário (Florianópolis SC)



Fonte: A autora.

A intervenção performativa na Escadaria do Rosário revelou o potencial transformador da arte no contexto urbano, demonstrando como o espaço pode se converter em lugar por meio da interação sensorial, simbólica e histórica. Ancorada na teoria da formatividade de Pareyson (1997) e na concepção de lugar de Yi-Fu Tuan (1983), a experiência enfatizou que a criação artística é um processo vivo, em constante diálogo com o ambiente, com as pessoas e suas memórias. Essa prática não apenas despertou novas camadas de significado para um espaço patrimonial

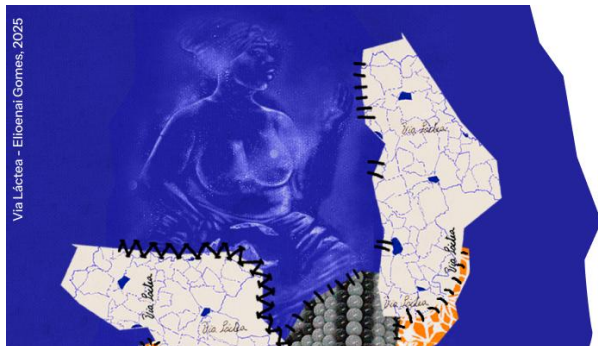


negligenciado, mas também revelou as tensões e possibilidades contidas no ato de habitar e ressignificar o espaço público. Ao vivenciar o ambiente como espaço de encontros, as/os performers e transeuntes compartilharam um momento de fruição que transcende a rotina cotidiana, expondo as camadas de memória e história contidas na escadaria e ampliando as perspectivas sobre o papel do corpo e da arte na cidade.

Mais do que uma ação isolada, a intervenção apontou para a capacidade da arte em conectar subjetividades, iluminar questões sociais e promover diálogos entre passado, presente e futuro. A Escadaria do Rosário reinventada, enquanto lugar, passou a ser percebida como uma confluência de histórias, corpos e tempos que, por meio da arte, reafirma sua relevância cultural e comunitária. Assim, a experiência sublinha a importância da educação patrimonial mediada pela arte performativa, que, ao envolver os sentidos e as emoções, possibilita uma compreensão mais profunda e integrada do espaço urbano. O uso e a ocupação desses espaços redimensionam a relação com a cidade, o que contribui também para a segurança e um sentimento de pertença. Esse processo ressoa como um convite para que artistas, educadores e comunidades repensem suas relações com os espaços que habitam, transformando-os em lugares de encontro, pertencimento e criação compartilhada.

Referências

- CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários liminares**: teatralidades, performance e política. Uberlândia: Edufu, 2011.
- PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora/PISEAGRAMA, São Paulo, SP, 2023.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. - 6. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.